

# Trotsky e Nós

Guillermo Lora



**POR**  
PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS  
**MASSAS**

# Trotsky e Nós

Guillermo Lora

*La Paz, 15 de agosto de 1985*

---

**81 anos do assassinato  
de Leon Trotsky**

*(20 de agosto de 1940 – 20 de agosto de 2021)*



# Índice

<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>Trotsky e Nós .....</b>	<b>11</b>
Trotsky e Nós - Um gigante do pensamento e da ação.....	13
Produto Coletivo .....	16
O que devemos a Trotsky.....	19
A experiência do nacionalismo.....	33
A Frente Anti-imperialista .....	37
Trotsky vive.....	39



# Apresentação

Como parte da campanha do Partido Operário Revolucionário (POR) pelos 81 anos do assassinato de Leon Trotsky, publicamos o folheto de Guillermo Lora, intitulado “Trotsky e Nós”. Foi redigido por ocasião dos 45 anos do ataque de um agente estalinista, que traiçoeiramente tirou a vida do revolucionário bolchevique-leninista.

Este trabalho de Lora nos ajuda a compreender que o marxismo é encarnado pelas forças vivas que se chocam com a burguesia, e caminham para a derrubada de seu poder. A leitura deste folheto põe à luz o método do materialismo histórico, obrigatório para a assimilação das conquistas do marxismo-leninismo-trotskismo, e para a sua aplicação, nas condições particulares de cada país. É nesse preciso sentido que Lora dá o título de “Trotsky e Nós” ao folheto.

Na Bolívia, o POR elevou o trotskismo, como expressão do marxismo-leninismo, a um ponto mais alto, considerando a teoria e programa da revolução proletária na América Latina, constituída por países semicoloniais, e rigidamente submetidos ao imperialismo, em particular aos Estados Unidos, desde que se ergueram como potência mundial dominante. Aplicando o programa pelos Estados Unidos Socialistas da América Latina, formulado por Trotsky, es-

tando exiliado no México, nas condições concretas da Bolívia – um dos países mais atrasados do Continente –, o POR se transformou no partido mais avançado, por se ter entroncado com o proletariado mineiro, e, assim, contribuído decisivamente para que ocupasse um lugar central nos grandes acontecimentos da luta de classes neste país.

A compreensão mais acabada da teoria da revolução permanente permitiu ao POR, sob a condução de Guillermo Lora, demonstrar na prática que é um guia seguro e necessário para organizar a luta do proletariado, como dirigente da maioria nacional oprimida, contra a burguesia e o imperialismo. Um passo imperioso nesse sentido foi o de a vanguarda marxista ter elaborado o programa da revolução proletária em seu país, como parte indissolúvel da revolução mundial.

Este folheto, por se apoiar nesse fundamento, se distingue dos inúmeros comentários, explicações e homenagens realizadas pelos pseudo-trotskistas, por motivo do assassinato de Trotsky, que sonégam a experiência do bolchevismo e da Revolução Russa, de que o proletariado somente derrubará o poder da burguesia, se estiver sob a direção de um partido que formule com precisão o programa. Distingue-se dos simpósios acadêmicos, que reúnem a mais variada gama de centristas e reformistas, para confundir seu pseudo-marxismo – e até mesmo seu antileninismo – com o trotskismo. Utilizam-se do espetáculo trágico do assassinato de Trotsky, para deformar o seu lugar na Revolução Russa, na constituição do Estado soviético, e no combate à degeneração do partido bolchevique pelo estalinismo. A plêiade de centristas, professores e intelectuais não tem nada a dizer sobre a obrigatoriedade de compreender e aplicar o trotskismo, como continuidade do marxismo-leninismo, nas condições particulares de cada país, bastam-lhes comentários sobre a vida, episódios e aspectos teóricos, deixados nos escritos de Trotsky.

O folheto “Trotsky e Nós” se diferencia e se opõe às mistificações, que fazem, do trotskismo, um campo de livre

disputa entre várias tendências do centrismo. Lora demonstra sinteticamente, passo a passo, como o POR se vai constituindo como programa no seio do proletariado, fundamentalmente a partir dos anos 1940. Sem o trabalho sistemático junto aos mineiros, o POR não teria se firmado como partido marxista-leninista-trotskista, que hoje perfaz 86 anos.

A influência de Trotsky e, portanto, da IV Internacional, permitiu que essa nova etapa da construção do partido levasse à aprovação das Teses de Pulacayo, em um Congresso da Federação Sindical dos Trabalhadores de Mineração da Bolívia, que seriam um instrumento dos explorados em meio à revolução de 1952 e, posteriormente, diante da contrarrevolução. A inevitável experiência catastrófica com o nacionalismo, encarnado pelo MNR, consolidou definitivamente o POR, ou seja, o programa da revolução proletária. O que se passou não de maneira plana, mas conflituosa e traumática, nas fileiras do próprio partido.

A direção que herdou a tarefa de dar continuidade à IV Internacional se mostrou incapaz de seguir e desenvolver a linha traçada pelo Programa de Transição e, finalmente, essa incapacidade a empurrou para o revisionismo. Uma das formulações da corrente revisionista, que foi denominada de pablismo, em referência a Michel Pablo, foi a de orientar os trotskistas latino-americanos a se sujeitarem ao nacionalismo pequeno-burguês e burguês. O fato de o MNR ter arrastado camponeses e operários obrigou o POR a desenvolver uma tática para combater a sujeição dos explorados ao nacionalismo e a colaboração levada a cabo pelo estalinismo e outras variantes de esquerda. O pablismo fracionou o POR, e acabou capitulando diante do governo do MNR.

Nesse embate, o POR se fortaleceu como programa, e acabou superando a regressão organizativa, resultante da ação divisionista e liquidacionista dos pablistas. Não houve em outro país uma derrota tão profunda e decisiva dos revisionistas do Programa de Transição como a que



ocorreu na Bolívia. Os pablistas desapareceram da vida política da classe operária boliviana. E, nenhuma vertente do centrismo – entre elas as variantes do morenismo – conseguiu se implantar, depois da experiência da Revolução de 1952 e da Assembleia Popular de 1971. O que explica a derrocada dos vários agrupamentos centristas é o fato de o POR passar pelos levantes de 1952 e pelos golpes contrarrevolucionários que se seguiram, aproveitando as lições da luta de classes, nacional e internacional, como substância para o desenvolvimento do programa e da teoria revolucionários.

Nisso consiste o reconhecimento das contribuições de Trotsky, que comparecem no folheto “Trotsky e Nós”, escrito há 36 anos. Nessas três décadas, o capitalismo avançou em sua decomposição. A Bolívia continuou e continua como um país abalado constantemente pela luta de classes. E o destino da revolução depende do POR servir ao proletariado de instrumento, para se levantar como força motriz, à frente da maioria nacional oprimida. Nos demais países latino-americanos, a inexistência de um partido comprovado na luta de classes e com a tradição marxista do POR boliviano é a tarefa chave a ser resolvida. O reconhecimento das conquistas revolucionárias e o estudo da aplicação do marxismo-leninismo-trotskismo na Bolívia permitem superar etapas na construção do partido-programa. De passagem, assinalamos que nosso atraso quanto a essa tarefa se deve ao fracasso de os primeiros trotskistas brasileiros, que, no início dos anos 1930, quase que simultaneamente aos da Bolívia, não se organizaram por meio de um programa, que correspondesse às particularidades do país, e não se constituíram como vanguarda no seio da classe operária.

No momento em que publicamos este folheto, a América Latina está mergulhada nos horrores da Pandemia, na desintegração econômica e na potenciação da pobreza, miséria e fome, que se abatem sobre o proletariado e a maioria oprimida. Tornou-se obrigatório fazer um balanço

das posições desenvolvidas pelos partidos de esquerda e, em particular, por aqueles que continuam a se reivindicar do trotskismo.

No Brasil, praticamente toda a esquerda se submeteu à política burguesa do isolamento social, e se paralisou, diante da divisão interburguesa. Durante um ano e três meses, as direções sindicais e políticas barraram qualquer ação das massas, inclusive sufocaram as tendências de luta, que se manifestaram na greve da Renault e no movimento desencadeado contra o fechamento da Ford e da LG. Os pretensos trotskistas não foram capazes de defender o programa de reivindicação dos explorados e a independência política diante do reformismo. A submissão de todos à estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro e Impeachment” evidenciou a ausência e a indiferença quanto à defesa da estratégia revolucionária, nas condições de turbulência do capitalismo e de crise política.

Apenas assinalamos a situação em que publicamos este folheto, para mostrar a necessidade de assimilar a experiência do POR da Bolívia, como parte da tarefa da luta pela superação da crise de direção, ou seja, pelo objetivo de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional pode e deve assimilar amplamente o percurso do POR da Bolívia, para vencer os poderosos obstáculos que se inter põem ao objetivo de resolver a crise mundial de direção revolucionária.

*10 de agosto de 2021*  
*Atílio de Castro*



# **Trotsky e Nós**

Guillermo Lora

---

81 anos do assassinato de Leon Trotsky



# Trotsky e Nós

## Um gigante do pensamento e da ação

Em 20 de agosto, lembramos o assassinato de Leon Trotsky, em Coyoacán (México), por um agente do estalinismo. Novamente, se comprova que o vazio deixado por um quadro de tanta qualidade, que constituía um inestimável capital para todo o movimento revolucionário internacional, é muito difícil de preencher. Para isso, é necessário muito tempo, pois, é no transcurso de muitos anos que se vão forjando e temperando os revolucionários profissionais. Diremos, de passagem, que isso explica por que um partido é um programa, uma organização e uma tradição. Sem esse último fator, torna-se inconcebível a luta dos explorados em escala mundial.

Trotsky morreu combatendo, sem trêgua, a burocracia contrarrevolucionária que, expressando os interesses das forças reacionárias de dentro e de fora da União das Repúblicas

Socialistas Soviéticas (URSS), para melhor servir os inimigos da classe operária, tomou o caminho que levou ao afastamento dos trabalhadores do poder.

Trotsky não aparece tão grande, em momento algum de sua vida, como quando compreende que a ofensiva vitoriosa da contrarrevolução nacional e internacional não permite ao revolucionário permanecer no poder, acomodar-se às circunstâncias adversas, baixar a cabeça, abandonar a bandeira da revolução, abrigando a vã esperança de que, do seio do poder, poderá corrigir, graças ao seu gênio e às suas capacidades pessoais, o curso da história. Não poucos marxistas, em circunstâncias similares, abandonam o método do materialismo histórico, para alimentar o seu subjetivismo e o seu voluntarismo, apresentando-os como se fossem a força mais poderosa da história. Muitos criticaram Trotsky, por ter abandonado o poder quase sem batalha, por não ter desejado ou podido se valer de sua enorme ascendência sobre a juventude e o exército, para se consagrar como o herdeiro de Lênin no poder. Inclusive, no aspecto puramente humano, seria inaceitável que, em razão de ambições inconfessáveis, Trotsky tivesse se lançado na disputa pela herança de Lênin, que se entregou integralmente – única entrega que conta – à causa revolucionária. A conduta de Trotsky nos parece de acordo com a sua convicção marxista. Era o orgulho na forma de homem, dando provas inequívocas de que era consciente de seu valor e de suas aptidões excepcionais. No entanto, a compreensão das leis do desenvolvimento social foi o que permitiu a Trotsky aprender a se acomodar e a se subordinar devidamente a elas.

Nas últimas páginas, de sua admirável pena, se lê que, no caso de nascer de novo, voltaria a abraçar com entusiasmo a luta revolucionária. Isso foi escrito por quem acreditou que era seu dever revolucionário lutar, década após década, contra a burocracia contrarrevolucionária, a fim de preservar a bandeira marxista-bolchevique. Sabia que, ao assumir essa atitude – para não poucos sem nenhuma possibilidade de vitória –, estava lutando pela libertação dos explorados, e por livrar a humanidade da

vergonha capitalista, e, enfim, para humanizar o homem na caldeira do comunismo.

Como rigoroso marxista, estava seguro de que a política – fenômeno superestrutural – não era senão a interpretação da contradição que se dá na estrutura econômica, material, da sociedade, refletida, a seu modo, na luta que travam as classes sociais. Por isso, sua vida esteve dedicada à elaboração teórica. A política revolucionária, em sua expressão mais elevada, é a elaboração teórica. Da luta de classes e da revolução, emergem uma descomunal polêmica entre posições classistas contrapostas. Sem dúvida, no campo das ideias, a polêmica se faz necessária – atividade cotidiana do empenho de se forjar a ideologia revolucionária dos explorados, em oposição e luta contra a ideologia oficial.

Trotsky, forjando-se no rigor do marxismo, foi constituindo seu caráter revolucionário, na medida em que avançava na criação teórica, que não é senão a aplicação do método do materialismo dialético à realidade concreta, neste caso, à Rússia. Assim, alcançou segurança em seu pensamento e em sua conduta diária. Victor Serge – um militante que nunca superou completamente sua posição anarquista, apesar de ter passado pela Internacional Comunista e pela Oposição de Esquerda – escrevia sobre O Velho: *“tinha apenas 45 anos, e já o chamávamos O Velho, como fazíamos antes com Lênin, quando tinha a mesma idade. O que queria dizer, segundo o uso da língua popular russa, o maior em espírito, o que merece mais confiança. Tal foi o sentimento que realmente inspirou todos aqueles que se aproximaram, ao longo de sua vida: o de um homem cujo pensamento, a ação, a vida ‘pessoal’ formavam um bloco sem fissura, e que seguiria sem debilidades seu caminho, até o fim; o de um homem em quem se podia contar plenamente em todas as circunstâncias, que não variaria no essencial, nem fraquejaria na derrota, nem retrocederia diante da responsabilidade, nem diante do perigo, nem perderia a cabeça em meio à tormenta. Feito para dominar as*



*circunstâncias, seguro de si mesmo, tinha um orgulho interior tão grande que o tornava sensível e realmente modesto: tinha o orgulho de ser um instrumento lúcido da história. Na prisão, no desterro, no quarto de hotel de emigrado, no campo de batalha, no cume do poder, era, simplesmente, com desinteresse total, fazendo o que era preciso fazer para ser útil aos homens em marcha. Tendo-se convencido, muito cedo, do que seria capaz de ser (aos 27 anos, em 1905, foi presidente do primeiro soviete de Petersburgo), não cuidava já de si mesmo, e isto lhe permitia considerar a fama, os cargos de governo, o poder mais absoluto, sem apego nem desdém, como algo utilitário. Sabia ser duro, mesmo impiedoso, como um cirurgião que realiza uma operação grave. Foi ele que escreveu, durante a guerra civil e o terror, uma frase como esta: 'O que há de mais humano nas revoluções é a energia mais elevada', poderia ser definido, se houver necessidade de defini-la com a palavra: 'construtor'".*

## **Produto Coletivo**

De onde vem esse gigante do pensamento e da ação? É equivocado, o critério de considerá-lo um gênio caído do céu, ou o resultado exclusivo de suas excepcionais aptidões individuais. O próprio Trotsky, que tanto havia contribuído com a compreensão das tendências fundamentais do desenvolvimento russo, observando-se do alto do seu pensamento, considerava-se como um instrumento consciente da história. Era o produto, sem dúvida, da descomunal luta revolucionária em um país atrasado, em que continuavam pendentes de solução, importantíssimas tarefas democráticas – a Rússia ainda era czarista – e, no entanto, já estava presente o proletariado como classe. A Revolução Russa, particularmente a de 1905, colocará pela primeira vez enormes problemas políticos-teóricos, e reafirmará outros. O desenvolvimento das forças produtivas exigia a destruição das formas de propriedade imperantes, mas essa contradição – clássica para o marxismo e teoricamente resolvida –, ao passar pela particular es-

trutura social da Rússia, coloca questões que antes não existiam. Concretamente: a presença do proletariado como classe, isto é, consciente – organizada em partido político –, segundo os clássicos, modificou profundamente a inter-relação entre as classes sociais, particularmente entre a burguesa e a operária. Como já se indicava no Manifesto Comunista e se assentava na famosa Circular de março de 1850, a classe operária não pode senão, ao tentar destruir a grande propriedade privada, para poder libertar-se, empurrar a burguesia para o campo da contrarrevolução. Imediatamente, surge o problema – inédito em certa medida, até esse momento – que classe social resolverá as tarefas democrático-burguesas pendentes?

A discussão teórica na Rússia, sobretudo ao referir-se a grandes e novos problemas, até esse momento não esclarecidos, ao menos em toda a sua profundidade, não fez senão enriquecer e renovar o marxismo. Isso, diante do olhar surpreso da maior parte da socialdemocracia internacional. Nunca se tinha posto de relevo que o marxismo deve ser utilizado como método, e não como um rosário de fórmulas pré-fabricadas, que se podem aplicar, não importando a que questões.

Trotsky se agigantou nessa formulação teórica e nessa polêmica. Isso, na medida em que foi uma criação coletiva, e não unicamente da luta revolucionária russa, mas também da mundial; um produto coletivo do pensamento e da atividade do Partido Operário Socialdemocrata Russo. O seu pensamento se foi perfilando no ardor da polêmica com seus camaradas, de dentro e de fora da Rússia, com os mestres do marxismo internacional. O verdadeiro Trotsky se forma em meio a essas tormentas. Não se pode esquecer que o desenvolvimento social russo, o amadurecimento e a formação da classe operária revolucionária coloca a necessidade de determinadas ideias políticas. Trotsky, sem dúvida, graças às suas qualidades pessoais, cunhou algumas delas, ajudado pelo seu conhecimento do marxismo, e pelos antecedentes do movimento revolucionário internacio-

nal. Nesta medida, se agigantou, se ergueu como expressão dos interesses vitais da classe operária, como porta-voz dela, como teórico que dá expressão ao instinto e tendência elementar do proletariado. Por isso, pôde afirmar que o proletariado, na atrasada Rússia czarista, podia chegar ao poder muito antes que nos países europeus altamente desenvolvidos, do ponto de vista capitalista. Certamente, neste momento, Trotsky deu de si muito mais do que se podia esperar, isso por que cumpriu o papel de porta-voz obstinado desse ponto cego, que são as leis da história.

Encarnação do revolucionário profissional, que, mais importante que na hora da vitória, se perfila quando se trata de preservar e defender os princípios e a bandeira revolucionários, nas condições adversas da derrota ou da clandestinidade. Neste plano, Trotsky se mostrou maior do que nunca. Lutou apaixonadamente para reformar o partido bolchevique degenerado pela burocracia estalinista, bem como o Estado operário, sendo uma de suas proposições o restabelecimento da democracia operária.

Para os revolucionários altiplanos, tão profundamente enraizados nesta terra índia, para os trotskistas bolivianos, “O Velho” é também nosso espelho, no qual nos vemos, quando nos empenhamos em fundir-nos com o movimento revolucionário mundial. Também quando confrontamos nossas ideias com as do marxista, que formula a teoria da revolução permanente. Nós, que temos estruturado o partido revolucionário e contribuído para a formação da classe operária em nosso país, temos em Trotsky a fonte de consulta que, com suas grandes contribuições, nos têm facilitado a ação diária, e também polemizado com ele na tarefa de estruturar e formular a teoria da revolução boliviana, que, por isso, sobretudo, é um dos movimentos trotskistas mais importantes do mundo.

Nossa admiração por Leon Trotsky é grande, mas é a admiração dos marxistas por quem não somente entregou sua vida e todas as suas forças à luta revolucionária, sem ter jamais esperado nenhuma recompensa. Essa ad-

miração sincera não nos pode cegar, diante dos erros que Trotsky cometeu em sua atividade cotidiana, igualmente diante de outros grandes dirigentes da luta pela libertação dos oprimidos: Marx, Engels, Lênin, etc. Diremos que nos esforçamos por compreender criticamente nosso indiscutível mestre. Entre os marxistas, não há lugar para o culto à personalidade, que considera, partindo de um indiscutível subjetivismo, que, com tanta frequência e por tantos lados, desemboca em manifestações sectárias. A infalibilidade e a onisciência dos dirigentes nada tem a ver com a existência de um partido revolucionário, baseado no centralismo democrático, que supõe a elaboração coletiva da linha política, o respeito à mais ampla democracia interna, à divergência com as instâncias de direção, e, inclusive, à formação de frações internas e à superação dos erros cometidos por meio da autocrítica, que necessariamente deve partir da análise e demonstração de suas raízes.

## **O que devemos a Trotsky**

Da mesma forma que o leninismo nada mais é do que o marxismo aplicado na era do capitalismo monopolista, do imperialismo e da decadência do regime burguês, o trotskismo é o marxismo do período da revolução socialista mundial, quando tem como protagonistas os países de baixo desenvolvimento capitalista, e que constituem a maior parte do mundo. Lênin se considerava um discípulo de Marx e Engels, e nunca aceitou que suas contribuições teóricas fossem batizadas como leninismo. A mesma atitude assumiu Trotsky, que, repetidamente, afirmou ser nada mais do que um marxista e um herdeiro e defensor do leninismo, diante das tendências revisionistas que não cessaram, nem cessam de conspirar contra sua integridade.

No entanto, as contribuições e esclarecimentos importantes no campo da teoria têm o destino invariável de terminar identificando-se com quem os enunciou. Por isso, pode-se falar de trotskismo, com toda a legitimidade, e sem violar a essência do marxismo.

Tudo o que dissemos é confirmado, se não esquecermos de que Trotsky, quando enuncia a Teoria da Revolução Permanente, tão importante para a compreensão das revoluções que têm lugar no presente, o faz invocando não apenas os argumentos teóricos da época de Marx e Engels, mas inclusive a sua mesma denominação. Lênin e Trotsky conheciam de cor a circular da Liga Comunista de 1850, e nela a Revolução Permanente já estava delimitada.

Coube a Marx e Engels apontarem o caráter revolucionário da classe operária contemporânea, do proletariado, superando a ideia que os socialistas, das mais diferentes escolas, herdaram da burguesia, que englobou todos os produtores no “terceiro estado”. Já estava, portanto, nos clássicos, a tese de que a presença do proletariado modifica profundamente a mecânica de classes e o caráter da revolução. A partir deste momento, a burguesia estava condenada a terminar infalivelmente como uma classe reacionária, como aliada das expressões de opressão classista do passado e do presente. A revolução liderada pelo proletariado não poderia deixar de ser totalmente diferente das revoluções burguesas.

Aprendemos com Trotsky, que não basta repetir as leis gerais da transformação da sociedade, mas é preciso entender como se combinam, ao penetrar em uma determinada realidade nacional, que, de fato, isso é política. No caso presente: tratava-se de saber como as leis da revolução socialista mundial se manifestam, constituindo uma unidade superior e modificando as revoluções nacionais, em países de baixo desenvolvimento capitalista, onde coexistem formas distintas e importantes de modos de produção, onde o proletariado é minoria, em relação às massas sociais herdadas do passado.

O proletariado, mesmo que seja uma minoria, jovem, inculto, etc., é a única classe social conseqüentemente revolucionária, pelo lugar que ocupa no processo de produção, por não ser proprietária, e por ser filho do capitalismo.

Por essa condição histórica, encarna o instinto comunista, antes mesmo de se tornar uma tendência política que luta conscientemente pelo estabelecimento de uma sociedade sem classes, que, para se libertar – libertação que é uma necessidade histórica –, não tem outra via, senão a de libertar toda a sociedade, acabar com todas as formas de opressão de classe. A classe operária, não é porque seja minoritária ou porque se encontra frente à burguesia nacional e à vasta massa camponesa, todas suportando a opressão imperialista, que perca sua inerente condição de classe revolucionária, como colocam os teóricos do nacionalismo burguês e do estalinismo. Contrariamente, está é uma das peculiaridades do proletariado dos países atrasados, a classe minoritária revolucionária tem de se agigantar politicamente, porque tem de cumprir, tanto suas tarefas de classe, como as nacionais; tem de encontrar o meio de incorporar a maioria nacional e seus problemas, deve ser a expressão da nação oprimida como um todo, o que alcançará por meio da aliança operário-camponesa. Os homens da gleba são aqueles que carregam em seus ombros o proletariado ao poder; a burguesia, inclusive aquela que iniciou dirigindo a maioria nacional, acaba sendo empurrada pelo mesmo processo convulsivo para posições reacionárias. Como se vê, a presença do proletariado como classe, isto é, consciente, no sentido marxista, modificou profundamente a mecânica das classes, e também o caráter da revolução burguesa, que conserva a importância das tarefas democráticas.

Não tivemos de descobrir contribuições teóricas neste campo, o nosso trabalho é o de aplicar em nossa realidade o que aprendemos. Trotsky sintetizou suas conclusões, da seguinte maneira: *“Com relação aos países de desenvolvimento capitalista atrasado, e, em particular, dos coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a resolução completa e eficaz de seus objetivos democráticos e de libertação nacional só podem ser concebidos por meio da ditadura do proletariado, exercendo o poder*

como dirigente da nação oprimida e, sobretudo, de suas massas camponesas”.

*“O problema agrário, e com ele o problema nacional, atribui aos camponeses, que constituem a esmagadora maioria da população dos países atrasados, uma posição excepcional na revolução democrática. Sem a aliança do proletariado com os camponeses, os objetivos da revolução democrática, não só não podem ser realizados, como sequer é possível colocá-los seriamente. No entanto, a aliança dessas duas classes só é viável, lutando contra a influência da burguesia liberal nacional”.*

A classe revolucionária, e nisso se diferencia dos demais setores sociais, imprime autoritariamente sua marca em tudo que toca ou passa por suas mãos. O papel do proletariado dos países atrasados é particular, único, porque se encontra imerso no intrincado processo de revolução democrática, quando a burguesia se deslocou para o campo da contrarrevolução. Não pode permanecer no marco das realizações puramente democráticas, base do capitalismo e da exploração inevitável da força de trabalho. Estimulado pela necessidade histórica de sua própria libertação, o proletariado se vê obrigado a transformar radicalmente o cumprimento das tarefas democráticas, imprimindo-lhes um caráter socialista, a revolução burguesa se transforma em socialista, tudo em um só processo, como função inerente à ditadura do proletariado. *“A ditadura do proletariado, que sobe ao poder na condição de dirigente da revolução democrática, se encontra, inevitável e repentinamente, ao triunfar, diante dos objetivos relacionados às profundas transformações do direito de propriedade burguesa. A revolução democrática se transforma diretamente em socialista, tornando-se, assim, permanente”.*

A revolução começa, inevitavelmente, dentro das fronteiras de um país, como consequência do desenvolvimento extremamente desigual da consciência de classe do proletariado nas diferentes regiões. Por cima das fronteiras nacionais, o proletariado mostra grandes traços idênticos.

Não se deve esquecer de que o internacionalismo proletário não é mais do que a réplica social do caráter mundial da economia capitalista. Não tem, portanto, a possibilidade de resolver a fundo os problemas mais agudos que emergem de seu próprio desenvolvimento, que só pode ocorrer unicamente em nível internacional. Por estas razões, a revolução nacional torna-se internacional: *“A conquista do poder pelo proletariado não significa a conclusão da revolução, mas simplesmente seu início. A construção socialista só é concebida com base na luta de classes, no terreno nacional e internacional. Nas condições de predomínio decisivo do regime capitalista no terreno mundial, esta luta tem de inevitavelmente levar a explosões de guerra interna, isto é, guerra civil, e guerra exterior, revolucionária. Nisto consiste o caráter permanente da revolução socialista como tal, independentemente do fato de que se trate de um país atrasado, que tenha realizado, ainda ontem, sua transformação democrática, ou de um velho país capitalista que passou por um longo período de democracia e parlamentarismo”*.

*“O triunfo da revolução socialista é inconcebível dentro das fronteiras nacionais. Uma das causas fundamentais da crise da sociedade burguesa consiste em que as forças produtivas criadas por ela já não podem conciliar com os limites do Estado nacional. Daqui se originam as guerras imperialistas, de um lado, e a utopia burguesa dos Estados Unidos da Europa, de outro. A revolução socialista começa no terreno nacional, desenvolve-se no internacional, e conclui em nível mundial. Portanto, a revolução socialista se torna permanente em um sentido novo e mais amplo da palavra: no sentido de que só se realiza em vitória definitiva da nova sociedade de todo o planeta”*.

Como temos de agir politicamente, sabíamos que este pequeno país, que é a Bolívia, demasiado pobre, e que serve de pretexto para a disputa das ambições de todos os vizinhos que o cercam em um continente dividido, e cuja ordem internacional vem sendo imposta pelo imperialismo, somente pode entrar totalmente na civilização no marco



dos Estados Unidos Socialistas da América Latina. Trotsky já havia chegado à conclusão, em 1934, que cabia ao jovem proletariado latino-americano promover a imprescindível unidade do continente, se se pretende derrotar o imperialismo – uma força opressora que atua por cima das fronteiras nacionais – e preservar a independência nacional.

A revolução é sempre um fenômeno que apresenta características excepcionais e, de forma alguma, é uma cópia de experiências já dadas em outras latitudes. É a expressão máxima das características nacionais, históricas, econômicas, enfim, culturais de uma determinada região. A função política é a de descobrir as leis que regem essa transformação radical. A isso se denomina teoria da revolução de um certo País. Os poristas bolivianos se formaram e se realizaram nesta gigantesca tarefa. Foi possível cumprir esta tarefa, graças à ajuda que encontramos nas contribuições de Trotsky que, por isso, em nenhum momento, foi um estranho para nós. A revolução é um processo histórico, determinado, em última instância, pelo grau de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas. A tomada do poder é a vitória do objetivo estratégico, nesta etapa de luta pela destruição do capitalismo. No entanto, não pode ser considerada como o momento do cumprimento integral do processo de transformação, pelo contrário, é apenas o primeiro passo. Devido ao fato de o proletariado ser a classe social que a dirige, a revolução chegará à vitória final, quando terminar com todas as formas de opressão de classe. Para atingir esse objetivo, uma etapa sempre se choca com a anterior, servindo de escada, que permite dar mais um passo à frente. Neste longo processo, haverá muitos avanços e retrocessos, determinados pelo desenvolvimento da economia nacional e internacional, pelo desenvolvimento do movimento revolucionário internacional.

Trotsky nos ensinou a entender adequadamente a economia mundial. O que constitui um valioso elemento teórico para a compreensão de nossa realidade. Em sua po-

lêmica com os teóricos do estalinismo, deixou claro que a economia mundial, fenômeno típico de nossa época, constituía uma unidade, não apenas disposta por acima das economias nacionais, atuando como uma força que as subordina e as modifica. As leis gerais do capitalismo atuam por meio de um determinado contexto socioeconômico, e assim configuram as características nacionais. Os nacionalistas e os estalinistas persistem teimosamente em sua ideia de que a economia mundial não é mais do que um agregado simples e mecânico de economias nacionais, com todas as suas características diferenciais. Chegam ao extremo de que não a considerar uma unidade dialética, em cujo interior os diferentes componentes se encontram interrelacionados, mas sim como agregados ocasionais, que dão origem à dependência unilateral entre as metrópoles do grande capital e a periferia semicolonial, por exemplo.

A ciência nos obriga a considerar as forças produtivas – no caso da realidade de um determinado país – como dimensões internacionais, porque, precisamente, os países atrasados também constituem a economia mundial. Assim, de acordo com a ciência, na atualidade do desenvolvimento da economia capitalista mundial, as forças produtivas estão supermaduras para a revolução proletária, que é essencialmente mundial. Considerado assim o problema, conclui-se que a classificação dos diferentes países em maduros e não maduros para a revolução – estamos referindo-nos ao fator econômico, ou seja, objetivo, e não da evolução da consciência de classe – não deixa de ser um esquematismo, embora seja manejado com muita facilidade pelos escolásticos.

Em seu momento, o qual foi a elucidação do caráter dos países latino-americanos e da revolução, destacamos que era necessário apontar que o capitalismo havia entrado francamente no período de decadência e desintegração, apesar das explosões isoladas de bonança, que podiam ocorrer em certas regiões do globo, o que impõe a conclusão de que os países em desenvolvimento atrasados já es-

tão vivendo sua experiência capitalista, na forma de uma economia combinada (coexistência de vários modos de produção), e que já não lhes é possível esperar um pleno e livre desenvolvimento no marco da grande propriedade privada burguesa, como continuam defendendo repetidamente os nacionalistas e estalinistas, e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, acabam prisioneiros da revolução por etapas. Tem-se a impressão de que, neste último caso, não foi a caracterização do país que levou a indicar o tipo de revolução a ser realizada, mas, inversamente, a revolução por etapas obrigou a catalogar os países atrasados como pré-capitalistas em seu conjunto, o que permitia concluir que, inevitavelmente, ainda tinha de realizar sua revolução democrática, o que lhes permitiria contar com uma maioria proletária, proveniente do salto industrial e altamente educado, nada menos que na escola da democracia burguesa, amplamente desenvolvida.

A definição da Bolívia, dada pelo POR, primeiro por meio das Teses de Pulacayo e, depois, pelo seu programa, no sentido de ser um país capitalista atrasado de economia combinada, entroncava com toda a discussão anterior, foi vital para a América Latina e para a revolução em nosso continente, e em todo o mundo. Esta foi uma longa batalha teórica travada no campo do marxismo internacional, mas a ninguém poderia ocorrer que alguns pequenoburgueses, ambiciosos e sobrecarregados de uma grande dose de vivacidade crioula (descendente de espanhóis nascidos na América, N.T.), podiam penetrar pela janela, apropriar-se das conclusões do debate e distorcê-las, de maneira que pudessem encobrir as velhas concepções de país feudal e de vigência da revolução democrática. Para a surpresa de si próprio e de outros, os “esquerdistas” pró-burgueses, das mais diversas nuances, correram a copiar a definição porista, fingindo inocência, como alguém que não fez nada, adicionaram o termo “dependente”, que, de forma inconfundível, supõe a submissão unilateral do país atrasado ao imperialismo. A dedução obrigatória: a Bolívia

ainda não é parte integrante da economia mundial, e permanece imersa no pré-capitalismo – não se deve confundir com o pouco desenvolvimento do país –, esperando a revolução democrático-burguesa. Não há lugar para o menor erro: a teoria da vigência da revolução democrática separa, por meio de um abismo intransponível, os esquerdistas que servem de canal para a difusão da política burguesa, daqueles que desenvolvem o programa da classe operária.

O que se coloca acima é apenas a possibilidade, a tendência da revolução proletária, que certamente não se materializa de forma mecânica, mas por meio da classe revolucionária, da mediação do desenvolvimento da consciência de classe. Se levarmos em consideração o fator subjetivo, precisamente, podemos concluir que a revolução proletária na Bolívia acontecerá no presente, e não no futuro indeterminado. Não somente no passado, mas agora, quando a presença do proletariado como classe é indiscutível – e à luz dos acontecimentos, diante de nossos olhos – comprova a validade da teoria da Revolução Permanente, tomada como método, e não como simples consigna.

A socialdemocracia russa, e não apenas Trotsky, nos proporciona os antecedentes para compreender a interrelação entre o proletariado e os camponeses, e o papel que devem desempenhar na revolução. O marxismo russo, que se constitui como uma cisão crítica do populismo, necessariamente teve de analisar e compreender a vasta massa camponesa, destacar a grande belicosidade e tenacidade de suas lutas, e a impossibilidade de se transformar em comunista. Trotsky, que concordou com Lênin em apontar as forças motrizes da revolução, foi claro desde o primeiro momento, ao assinalar que a direção do processo revolucionário russo correspondia ao jovem e minoritário proletariado, e não à maioria camponesa, herdada do passado histórico. Não há dúvida de que os homens da gleba, em determinado momento, quando têm certeza de que ficaram tão decepcionados com a impotência, as promessas e demagogia das hostes burguesas, deslocam-se para o

campo operário, procurando satisfazer suas necessidades, apesar de que a ditadura do proletariado não poderá senão substituir a pequena propriedade pela fazenda coletiva. A atitude revolucionária do campesinato contra a ordem social imperante o permite, nesta fase da luta pela destruição da burguesia, identificar-se com o proletariado. Instaurada a ditadura da classe operária, graças ao apoio direto e militante da maioria nacional, as diferenças entre as duas classes sociais aparecerão claramente.

Que vazio e altissonante aparece o empenho de nossos pequeno-burgueses, que se esgotam no esforço de colocar-se no campo, para conscientizar os camponeses e transformá-los em socialistas, com a ajuda de prédicas e planos filantrópicos. Disso deduzem – da mesma forma que todos os utópicos – que a nova sociedade virá sem dor, nem sangue, tudo graças ao seu trabalho de propaganda. Os populistas, de maneira admirável e incomparável, já tiveram a oportunidade de demonstrar o equívoco de tais posições, isso há um século. O subjetivismo e voluntarismo, expressões ideológicas da negação do marxismo, colocaram uma tarefa impossível, por terem esquecido um detalhe, mas que faz parte da base econômica material da sociedade: o camponês produz de maneira individual e com seus primitivos instrumentos agrícolas, está apegado à terra como seu único recurso, sem ter conseguido dominá-la. O socialismo boliviano tornou-se marxista no momento em que se libertou da influência do indigenismo e, assim, pôde colocar a luta de classes em sua verdadeira dimensão. Os precursores foram superados pelos realizadores. A massa camponesa é numerosa, mas está composta pela justaposição de produtores individuais e pequenos proprietários, que se tornam em fator decisivo, que impede que as nações-classe oprimidas e exploradas possam expressar seus interesses gerais, ou seja, se expressarem politicamente, constituirão fortes partidos políticos camponeses, e atuarem conscientemente. Não se trata de subalternizar os camponeses, como alguns acreditam, mas colocá-los

em seu verdadeiro papel: não podem ser direção revolucionária, isso porque não estão presentes como classe – não conseguiram adquirir consciência –, mas sim como uma massa combativa, atuando como força motriz, que pode permitir a transformação radical da sociedade e possibilitar que a classe operária chegue ao poder. O proletariado está obrigado a materializar sua direção revolucionária, em estreita relação com a massa camponesa. Não repete a façanha daqueles que se deslocam do campo para transformá-lo em socialista, mas sim, no calor da luta diária, sela a aliança operário-camponesa, o que significa que a classe revolucionária da cidade dirija a massa camponesa, não para se deter no marco democrático e desenvolver o capitalismo, mas sim para tornar-se governo operário-camponês (ditadura do proletariado), capaz de orientar todas as energias nacionais para a estruturação de uma sociedade sem classes, sem opressores, nem oprimidos.

A aliança operário-camponesa, viga mestra da estratégia revolucionária, não é propriamente um pacto político selado entre poderes de igual peso, que se realiza em seguida às intermináveis lutas em torno dos objetivos que se perseguem, ou dos métodos que se empregam, mas sim um pacto que se dá no calor da luta, e na qual, de maneira natural, a direção revolucionária determina os objetivos e os métodos. Se a direção proletária for esmagada ou defenestrada, é claro que afundará todo o movimento revolucionário. Nem mesmo no caso do esmagamento da direção proletária se pode dar uma situação em que os camponeses dirijam politicamente o proletariado – o campo dirigindo a cidade –, uma vez que o atual desenvolvimento da sociedade humana não oferece nenhuma prova de que seja possível uma sociedade camponesa, localizada entre o capitalismo e o socialismo, tal sociedade utópica não seria senão de pequenos proprietários, o que significaria voltar a roda da história para muitos séculos atrás.

Algumas das colocações do movimento, que tão pretensiosamente se autoqualifica como nacionalista revolucio-

nário, e que se esforça para se colocar como ponte entre o capitalismo e comunismo, têm alguns pontos de contato com o indigenismo. É também uma proposição utópica que não encontra lugar no desenvolvimento da sociedade humana. Na realidade palpável, existe apenas o nacionalismo de conteúdo burguês, que pretende inutilmente solucionar o atraso por meio do desenvolvimento integral e livre do capitalismo.

A história apresenta o trotskismo como sinônimo de anti-estalinismo, e em nenhum outro momento aparece tão admirável a luta apaixonada e incansável de Trotsky diante da política contrarrevolucionária, desenvolvida pela burocracia estalinista. Não se trata apenas do destino do Estado russo, qualificado por Trotsky como operário degenerado, mas do destino do movimento revolucionário mundial como um todo.

Como a história é feita pelos homens, e estes, conscientemente ou não, se limitam a facilitar ou dificultar o cumprimento das leis da transformação da sociedade, a luta política, que se exterioriza pelas paixões, virtudes e defeitos dos protagonistas, quase sempre aparece como uma disputa pessoal, um simples confronto de virtudes e defeitos dos líderes. Esse estreito critério está muito longe da realidade no caso em questão. Trotsky encarnou, não só a tradição revolucionária – do marxismo ao leninismo –, mas também as forças revolucionárias vivas e atuantes da revolução, colocadas diante da política serviçal da burguesia ao imperialismo, que tão cinicamente usa e abusa da rica tradição revolucionária.

Trotsky, mesmo que não tivesse lutado de forma exemplar, ao ponto de ser abatido em meio à batalha, contra a barbárie termidoriana – a reação dentro do processo revolucionário –, teria entrado na história graças à magistral análise da burocracia estalinista, que constitui um exemplo de admirável utilização do método marxista. Que diferença das conclusões de Krushev, no XX Congresso do PCUS, onde o estalinismo aparece como obra pessoal,

como resultado das secreções glandulares do dirigente enlouquecido, conclusões que são tão apreciadas pelos historiadores burgueses!

Para Trotsky, o estalinismo é um fenômeno histórico que responde a determinadas condições da política russa e mundial, intimamente ligadas ao desenvolvimento do processo revolucionário mundial. O estudante de história pode encontrar um antecedente no Termidor da Revolução Francesa, feitas as ressalvas. O estalinismo resultou do longo isolamento da revolução russa – a burocracia apresentou o problema de pés para cima, em sua “teoria” do socialismo em um único país –, de relativa e momentânea estabilização do capitalismo e da reação particularmente apoiada nos “nepman”, que surgiram da necessária reativação da economia soviética – NEP. Essas poderosas forças conservadoras encontraram, no grupo de Stalin, dentro do próprio partido bolchevique, em qualidades administrativas, na rudeza daquele que surpreendeu a todos, concentrando em suas mãos grande parte do aparato partidário, e dando a impressão de que, para ter êxito, lhe importavam muito pouco as ideias e os programas, o canal certo para se impor ao proletariado e à revolução. O estalinismo utilizou, como base de sustentação, o cansaço da classe operária russa, que saía de uma longa e sangrenta guerra civil, e os kulaks enriquecidos. À política contrarrevolucionária da burocracia – expressão da degeneração, não apenas do Estado operário, mas do próprio partido que liderou a vitória de Outubro – seguiu a mais aprofunda revisão dos fundamentos teóricos do marxismo-leninismo. Deve-se notar que não foi uma simples teorização, mas o esforço de justificar uma política francamente contrarrevolucionária, colocada a serviço do inimigo de classe, em todos os cantos do mundo. O trotskismo se constituiu como força opositora à burocracia, tanto dentro do partido comunista russo, da Internacional Comunista, quanto do próprio Estado, propondo medidas concretas, destinadas a assegurar que, tanto o Estado quanto o partido, con-



seguissem reencontrar o caminho revolucionário. A luta interna em favor do centralismo democrático e do programa marxista é um dever elementar de qualquer militante que se considere revolucionário. Somente depois da vitória do fascismo na Alemanha, em 1933, onde o estalinismo abandonou o campo de batalha sem combate, envolvendo-se seriamente no acobertamento de Hitler, é que a Oposição de Esquerda orientou seu trabalho à formação de uma nova Internacional, da IV, a fim de preservar, de sua total destruição, a tradição marxista-leninista, a bandeira da revolução proletária.

Os escritos de Trotsky e toda a experiência recolhida dos numerosos e grandiosos esforços, que, inutilmente, se realizaram para pôr em pé a IV Internacional, como direção mundial do proletariado neste mundo convulsionado, nos permitiram compreender, em toda a sua dimensão, o que é a Internacional, cujo antecedente é necessário buscar na Primeira Internacional, de 1864, como o partido da revolução socialista mundial, verdadeira unidade centralizada, que corresponde ao caráter também mundial do capitalismo, particularmente, em sua fase imperialista. O partido é o programa, neste caso o Programa de Transição, que deve ser considerado como o método, que permite às massas, a partir de suas necessidades e estado de ânimo do momento, dirigir-se para o poder. Porém, este programa mundial deve ser concretizado em programas nacionais, em teorias da revolução, aplicáveis aos diversos países, pois, a classe operária, apesar de seu caráter mundial, se organiza nacionalmente.

Na medida em que as seções da IV Internacional se viram reduzidas por muito tempo a pequenos grupos de intelectuais ou estudantes pequeno-burgueses, perderam sua conexão com a atividade criadora das massas, se esclerosaram, e se tornaram terreno fértil para a degeneração: o pensamento marxista dialético foi substituído por fórmulas frias e por expressões de um revisionismo inconfundível. A direção revolucionária tem de conhecer a reali-

dade que pretende transformar, e dar respostas oportunas a todas as situações políticas, que sempre são inéditas. Da experiência internacional negativa, extrai-se uma valiosa lição: a IV Internacional que emergirá potente será aquela que se enraíze nos poderosos movimentos de massa, e se alimente de tudo o que as massas fazem com as suas próprias mãos.

Neste terreno, a obra do POR na Bolívia constitui um capital valioso para se pôr em pé a IV Internacional.

## **A experiência do nacionalismo**

Para os bolivianos, a experiência das massas diante do nacionalismo burguês é de grande importância, por duas razões: a) porque o nacionalismo, particularmente encarnado pelo MNR, iniciou como uma proposta política, que arrastou um imenso contingente das massas proletárias, camponesas e classe média; b) porque, na Bolívia, existem importantes tarefas democrático-burguesas pendentes de solução. O que dá lugar, como resposta obrigatória, a colocação de solução. O nacionalismo o faz, partindo da certeza de que ainda há espaço para o desenvolvimento capitalista integral e livre, de maneira que comporta a realização da libertação nacional. Há que acrescentar, de passagem, que, em outras latitudes, o nacionalismo burguês não consegue se apresentar como um importante movimento de massa. O vigor e a sobrevivência do nacionalismo boliviano se explicam por terem correspondido a uma realidade do país.

Engels já havia assinalado que a burguesia – em países como a Alemanha, da primeira metade do século XIX –, em determinado momento, quando se torna evidente a pressão do proletariado, faz, inevitavelmente, uma virada para a reação. A circular de 1850 tem como eixo a necessidade de que o proletariado se organize, se arme e atue de forma independente. O que torna obrigatório formular, se se considera que a burguesia – também ali onde a revolução democrática não foi cumprida – se deslocou, definitivamente,

para o polo contrarrevolucionário. Não será possível colaborar positivamente, para que a classe operária amadureça e se forme como classe – que se emancipe do controle e influência ideológico e organizativo da burguesia –, se não se chega a compreender como se dá este processo.

Na polêmica de Trotsky sobre a desastrosa política menchevique de Stalin, durante a segunda revolução chinesa, a submete a uma severa análise, não apenas da conduta da burguesia nacional, mas também a conduta que o proletariado deve ter diante dessa classe. O estalinismo – prato menchevique requentado – parte da suposição de que a era da revolução democrática supõe a existência de importantes setores burgueses progressistas, aos quais o proletariado deve se subordinar e apoiar, porque sua hora ainda não chegou. Esta colocação teórica se traduz, na prática, na imposição da política burguesa ao proletariado. Nacionalistas e estalinistas jogam fora toda a experiência histórica e os ensinamentos dos mestres do marxismo. Lênin foi categórico e claro, nesta formulação. *“Nossa revolução – a russa – é burguesa; por causa disso, os operários devem apoiar a burguesia, dizem os políticos desprovidos de clareza, que vêm do campo dos liquidacionistas – corrente oportunista de direita no POSDR. Nossa revolução é burguesa, dizemos nós, marxistas; por isso, os operários devem abrir os olhos do povo, fazendo-o ver os enganos dos políticos burgueses, ensinando-os não acreditar em palavras, a não contar mais do que com suas forças, sua organização, sua união, seu armamento”*.

A burguesia nacional – inexistente na Bolívia – entra em atrito com a metrópole opressora e, nessa medida, aparece como depositária da libertação nacional. Se se observa bem o problema, a histeria anti-imperialista não pode ser outra coisa, senão a cobertura da política, que busca uma melhoria das relações entre semicolônia e a metrópole, ou dos preços das matérias-primas que a semicolônia exporta. Para resistir à pressão externa e arrancar do imperialismo as concessões de alguma importância, o nacio-

nalismo não tem outro remédio, a não ser pôr em pé as massas operárias, camponeses e da classe média, a fim de apoiar-se nelas, e adquirir maior força. Não esqueçamos que Villarroel organizou a FSTMB, em 1944. Uma vez posta em pé, servindo à maioria explorada e sua organização, é algo transcendental, porque contribui para modificar radicalmente a política e o próprio país.

Assim que o assalariado começa a andar com seus próprios pés, o que equivale dizer que coloca seus próprios objetivos – na base de todos eles, a destruição da grande propriedade privada –, que se pode resumir na consigna de acabar com a ordem social imperante, não tem outro remédio, senão entrar em aberto choque com a classe dominante. O proletariado encarna os embriões materiais da futura sociedade, já suficientemente desenvolvidos nas entranhas do capitalismo que agoniza. A classe operária, ao ir fixando seus contornos, marcha, pisando nos calcanhares da burguesia, pressionando-a poderosamente, e conclui desmascarando-a completamente.

Neste momento, a burguesia nacional se dá conta, perfeitamente, de que está umbilicalmente unida à burguesia imperialista, pela necessidade que de defender a propriedade privada dos meios de produção, onde reside a justificativa de sua existência como classe exploradora, ainda que esteja sujeita à opressão imperialista. Apresenta-se diante dela a necessidade de encontrar a forma mais rápida e eficaz de conter e destruir o seu aliado mais importante de véspera – a classe operária. Este é o problema de sua sobrevivência: incorpora-se como seu novo aliado e seu velho amo, que é nada menos do que a metrópole opressora. Dessa maneira, e no momento preciso em que a classe operária se torna ameaçadora e perigosa, começa a franca virada da burguesia nacional para os braços – ou posições – do imperialismo. Uma vez selada a nova aliança, a burguesia, caduca e servil aos interesses estrangeiros, retoma a violência do Estado contra os explorados. A luta burguesa pela libertação nacional é abandonada,

inclusive no plano das declarações líricas, e substituída pela política repressiva contra o proletariado. A burguesia nativa se direitiza, e pode concluir usando com argumento as formas fascistas de governo.

Como se vê, a burguesia se esgota, ao passar pelo ciclo do nacionalismo: começa partindo de posições populares, que se distinguem por sua histeria anti-imperialista, – é então que arrasta o proletariado e o anula como classe –, e conclui como incondicional servente da metrópole opressora, momento em que os operários se emancipam. O que devemos ter presente é que este processo, bem como a velocidade com que é cumprido, estão determinados pela presença do proletariado como classe.

Os explorados se estruturam como classe, partindo da experiência realizada no seio dos movimentos, e diante dos governos burgueses radicalizados. Ali onde a classe dominante põe as mãos, tudo se torna traição, demagogia, frustração. Na verdade, o que acontece é que a burguesia se limita a agir de acordo com sua essência de classe, permanece fiel a si mesma. A pequena e jovem classe operária esgotou sua experiência diante do nacionalismo burguês – seja de esquerda, direita ou fascista – e ocupou posições muito avançadas, em relação às promessas mais ousadas da classe dominante. Dessa forma, se formou como classe, e seus objetivos políticos apontam para a conquista do poder. O esgotamento da burguesia nacional, como proposta política capaz de arrastar os trabalhadores, coloca, ao mesmo tempo, a urgência de sua expulsão do controle do aparato estatal, medida extrema, que só pode ser materializada pela classe operária.

O POR existe há cinquenta anos de constante trabalho político, devido, sobretudo, ao vigor e à justeza de seu programa. Na base do programa, encontra-se o prognóstico da linha política, que, inevitavelmente, evidenciaria o vitorioso nacionalismo movimentista de então. Quando Paz Estensoro se autoproclamou marxista, e chamou a realizar a libertação nacional, o POR disse que, inevitavel-

mente, concluiria nos braços do Departamento de Estado norte-americano, como seu melhor agente, e que voltaria os fuzis do exército contra a classe operária, sua aliada de momento. Para esta previsão, há pouco o que acrescentar, quando o envelhecido líder do nacionalismo, após se ter aliado com o golpista Banzer, proclamou com todo o cinismo que, desde o poder, realizaria um programa francamente capitalista, pró-imperialista, antinacional, anti-popular e antioperário. Temos a certeza de que a classe operária, que em sua marcha avassaladora soube sepultar as ilusões sobre as possibilidades revolucionárias do MNR, terá força suficiente para sepultar, definitivamente, a burguesia incapaz e putrefata, de onde a decomposição emana os gases deletérios do fascismo, do narcotráfico, da corrupção e do latrocínio.

## **A Frente Anti-imperialista**

A dura luta contra o estalinismo levou Trotsky a identificar mecanicamente, partindo da experiência negativa das ligas anti-imperialistas dos anos 1930, a frente anti-imperialista, que foi delineada pelo IV Congresso da Internacional Comunista, com a política de submissão das massas exploradas ao controle da política burguesa, como se fosse uma frente popular.

Os epígonos do trotskismo – não aqueles que assimilaram o marxismo de nossos dias – não tiveram o menor cuidado em aplicar a tática da frente única proletária, própria das metrópoles, e, por esse tobogã, deslizaram até posicionamentos que, por muitas razões, recordavam a tese da revolução puramente socialista, para todos os países, etc. Como é habitual, os epígonos tornaram-se os mais terríveis detratores da frente anti-imperialista.

Coube ao POR reformular a tática da frente anti-imperialista em suas verdadeiras dimensões, como foi formulada em 1922. Na Bolívia, tratava-se unicamente de dar expressão teórica e política ao que as massas realizavam todos os dias, o que não diminui a importância do traba-

lho realizado. Foi na polêmica com os supostos trotskistas, cartonados e enlatados, que tivemos de gastar muita tinta e tempo, o que certamente foi lamentável. Parecia que tínhamos conseguido convencer alguns, mas, quando menos se esperava, se comprovou que o desvio mais comum consistia em imprimir, à frente anti-imperialista, traços estalinistas.

A frente anti-imperialista emerge das características diferenciais de nossos países, e da natureza combinada da revolução a ser realizada. O proletariado não poderia superar a pequenez de seu número, e menos ainda se tornar dirigente nacional, caso não conseguisse unir em uma só frente a nação oprimida, isto é, as diversas classes que suportam a opressão imperialista. A política em um país atrasado encontra sua expressão mais proeminente na luta que travam, tanto a burguesia, como o proletariado, por dirigir politicamente a unidade, ou frente das classes que compõem a nação oprimida.

A frente anti-imperialista constitui a tática adequada para tornar possível a revolução proletária em um país atrasado, isso porque se torna no marco em que pode efetivar a liderança da classe operária sobre a nação oprimida. Não se trata apenas de cumprir as consignas anti-imperialistas, mas sim permitir que as massas se mobilizem em sua luta diária para melhores condições de vida e de trabalho. Esta consigna tem vigência, enquanto o proletariado não conquistar o poder político. Não contradiz com a revolução permanente, ao contrário, é a tática precisa para sua realização.

Na última etapa, foi possível opor, com êxito, a tática da frente anti-imperialista à frente populista, desenvolvida pela Unidade Democrática Popular (UDP) e pelos partidos que a compunham.

Quando falamos da conquista do poder pelos explorados, não estamos formulando uma abstração, algo que deve permanecer como uma declaração lírica, mas uma consigna concreta: a insurreição permitirá que as organi-

zações próprias das massas – os órgãos do poder – destruam o aparato estatal burguês, com as armas nas mãos. O partido revolucionário e a sua militância serão a direção do processo, desde o interior desses órgãos de poder, isto é, das massas. O trabalho que é necessário realizar não traz dúvida: há que penetrar nas massas e em suas organizações, para se afirmar nelas, para ampliar a influência política e organizativa, para educar politicamente os explorados, para organizá-los e mobilizá-los. Os sindicatos, bem como a COB-sindicato – agora, deve-se lembrar que, no final de 1954, a burocracia cobista proclamou Paz Es-tensoro como um “libertador econômico” – poderão cumprir esta tarefa; no caso de poderem, estariam na condição de órgãos de poder.

## **Trotsky vive**

O que dissemos demonstra ao leitor que, para nós, o camarada Trotsky não é um ídolo, nem um simples mártir, mas um dos nossos maiores militantes, que vive em meio à nossa atividade diária. Vive no pensamento e na ação dos oprimidos e explorados das terras do Altiplano, e que tão tenaz e admiravelmente vão lutando por se libertar, sem ter o menor reparo em regar com seu sangue o escabroso caminho que percorrem. Tombou “O Velho”, mas também tombaram muitos de nossas próprias fileiras. Não os choramos, os recordamos como exemplos que temperam nossas ideias e nosso espírito.

Recusamo-nos a repetir apenas que são mártires. Eles – e acima de tudo Trotsky – lutaram com gosto, realizaram-se plenamente nos combates e na atividade partidária, muitas vezes ignorada, cinza, anônima, mas em cuja urdidura é possível encontrar as ideias-chave, que nos permitem explicar o desenvolvimento e destino da atual sociedade e da humanidade. Os revolucionários nos engrandecem, porque temos a suficiente coragem para superar todas as misérias que conformam um mundo que se decompõe, um mundo da exploração, da barbárie, da ignorância, da tor-



tura, do narcotráfico, da prostituição. Somos grandes o suficiente para não desistir de nossa luta, voltada a acabar com essa vergonha para a espécie humana.

Quando Trotsky foi assassinado, os poristas estavam empenhados em uma luta interna, entre aqueles que defendiam que o Partido deveria permanecer como um círculo propandístico, guardando zelosamente suas ideias e seus documentos, para que ninguém os copiasse, e aqueles que se empenhavam por levar as ideias revolucionárias para o seio das massas, dos sindicatos. O Programa de Transição afirma que nenhum revolucionário pode desculpar-se de intervir nos sindicatos. Trotsky e Lênin tiveram de se enfrentar com os ultra-esquerdistas, que tão generosamente proliferaram nas fileiras marxistas.

Espantados com as notícias do assassinato de Trotsky, não abandonamos as lutas internas, nem o trabalho voltado à penetração no seio dos trabalhadores, da rica e fundamental experiência dos anos 1940, argamassa com que construímos o novo POR.

A direção da Quarta Internacional, naquela época nos Estados Unidos, que nos tratava como criancinhas, nos enviou a respectiva circular, e uma fotografia do nosso guia, que caiu em combate. Na cópia, aparecia a assinatura de Trotsky, que certamente não foi especialmente endereçada para nós. Expressando nossa origem indígena, permanecemos mudos, com os dentes cerrados, e com a vontade orientada a romper o cerco que nos impedia chegar às massas. Mais tarde, em uma revista que editamos, com máquina de escrever, reproduzimos os artigos de uma de suas secretárias e de Natalia, que relatavam a forma como ocorreu o crime estalinista.

*La Paz, 15 de agosto de 1985*



---

Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo  
*[www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](http://anchor.fm|por-massas)*

---